

EDITORIAL: PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES NO ATLÂNTICO SUL: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE POPULAÇÕES LITORÂNEAS E RIBEIRINHAS

Neivalda Freitas de Oliveira¹

Elias Alfama Vaz Moniz²

Práticas, hábitos e costumes de africanos na diáspora figuram como um dos principais focos de análises sempre presentes - nas últimas cinco, seis décadas - na história das ciências humanas e sociais. Na atualidade, os debates sobre as especificidades religiosas, culturais, políticas e simbólicas desses grupos humanos têm assumido novos contornos, o que se nota no Brasil pela ampla acolhida e divulgação de obras que versam sobre os mais variados aspectos da vida desses grupos, como evidenciam pesquisas realizadas nos mais variados campos das ciências sociais e humanas (BECKWITH, 1924; RAMOS, 1940; BASTIDE, 1978; FRAGOSO et al., 2001; SOHIET *et al.*, 2005; REIS, 1986, 2008; PARÉS, 2006; TOBY GREEN, 2009, 2012; WALKER, 2002; SWEET, 2007; IROBI, 2012; TAYLOR, 2013; THORNTOM, 2004, dentre outros).

Os autores supracitados, de diferentes modos, sinalizam práticas que se reconfiguram na diáspora a partir dos finais do século XV, tendo como alguns de seus aspectos fulcrais a precarização das relações e condições de trabalho, a pulverização das redes sociais tradicionais e afetivas, o recrudescer do individualismo no sentido mais nocivo do termo, bem como a diluição do potencial coletivo de articulação política e de construção de críticas sociais de grupos humanos em circunstâncias de injunções coloniais.

O cenário de precarização das condições de vida desses grupos humanos, que hoje se intensifica em escala global - com o ressurgimento de governos de extrema direita, revigorados, em vários países que, por movimento, está robustecendo o racismo sistêmico - apenas confirma este trágico diagnóstico. Todavia, esta análise geral, apesar da sua relevância e perspicácia em vários aspectos, continua num âmbito demasiado amplo de

¹ Cursou doutorado (2008) e mestrado (1999) em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1986), e em Direito pela Universidade Católica do Salvador (1997). Desempenha atividade profissional como professora titular na Universidade do Estado da Bahia. Trabalha nas áreas de Antropologia e História, com ênfase em Cultura, Patrimônio Cultural e Africanidades. E-mail: nefoliveira@uneb.br. ORCID: 0009-0003-7736-4152.

² Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007), possui Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000), licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997) e bacharelado em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (1997). É Professor Visitante na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como professor de História da África, atuando também no Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas (PPMPH/UFRB) e no Programa de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Posafro/UFBA). E-mail: eliasalfamamoniz@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0003-4748-3866.

pesquisa. Por exemplo, modelos teóricos eurocentrados ainda servem de referências para para um considerável número de pesquisas tanto na América Latina, quanto nos Estados Unidos ou na Europa.

Neste dossiê, gostaríamos de propor um recorte e um ponto de partida um pouco diferente disso. Nosso propósito aqui é evidenciar as práticas, os costumes de populações ribeirinhas e litorâneas, ou seja, a forma como essas comunidades diaspóricas podem ser estudadas a partir da observação de especificidades locais que reproduzem e/ou contestam enquanto resistem a injunções “imperiais”. Com a expressão práticas de sociabilidades gostaríamos de ressaltar não simplesmente os intercâmbios, forçados ou não, que possibilitaram a essas comunidades uma reexistência em conjunturas adversas. Gostaríamos de refletir sobre essas práticas de sociabilidades como uma arena de vivências nas quais os hábitos, os costumes dessas comunidades se reproduzem e/ou reconfiguram. Por exemplo, experiências vivenciadas por grupos humanos marginalizados ou aquelas vivenciadas pelos que ocupavam o topo daquelas sociedades escravistas conformam distintas formas de sociabilidades, abarcando distintas experiências e lugares de fala. Por fim, importa realçar que este recorte não cogita simplificar o controle social e as tensões sociais que sempre pautaram as relações entre dominantes e dominados. Pelo contrário, a problematização das práticas de sociabilidades nos faculta prosseguir no entendimento da complexidade de fenômenos como o racismo e de suas antinomias e incongruências contemporâneas, que quase sempre se disfarça numa pretensa democracia racial, que relega para as margens da sociabilidade grupos herdeiros de experiências escravistas, no Brasil, na América Latina e na África.

Neste sentido, se propõe, no dossiê, articular debates resultantes dos estudos, reflexões e discussões promovidas no espaço acadêmico sobre grupos humanos, suas experiências e vivências em contextos da diáspora multissituados, visando problematizar e compreender modos de vida, organização e renovação de referências, fundamentos, normas e costumes socioculturais. A proposta dessa publicação está articulada a um conjunto de ações do grupo de pesquisa Cultura, Poder e Memória, num esforço de conferir expressividade às inquietudes decoloniais em enfrentamentos contra a modernidade em diversos campos das (inter)conexões resultantes do trânsito atlântico.

Assim, integram o dossiê seis textos, articulados em torno de experiências, vivências de povos diaspóricos, levantando véu sobre os modos como esses povos reconfiguraram suas práticas de sociabilidades em contextos adversos.

Abrem o dossiê Karine Carvalho da Cruz e Elizete da Silva, com o texto: **“ALÉM DAS PALAFITAS: UM ESTUDO SOBRE AS DINÂMICAS SOCIAIS E RELIGIOSAS NA FAVELA DOS ALAGADOS, SALVADOR (1960-1980)”**. Elas **analisam**, com base em fontes documentais e iconográficas, a formação da “favela” dos Alagados em Salvador entre as décadas de 1960-1980, explicitando os fatores políticos, sociais, religiosos e urbanos que contribuíram para a constituição dessa região peculiar, marcada pelas palafitas sobre as águas da maré.

Breno Trindade da Silva nos convida, em seu texto: **“CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NO SERTÃO SANFRANCISCANO”**, a **acompanhar os modos como** diferentes agrupamentos sociais do Norte de Minas Gerais vêm se organizando politicamente para reclamarem o pertencimento a sistemas identitários próprios. Conforme o autor, são “grupos indígenas, quilombolas, geraizeiros, vazanteiros, caatingueiros, apanhadores de flores sempre vivas, vacarianos e veredeiros que, apesar de manifestarem diferentes estruturas culturais, coadunam suas lutas em alianças que visam um objetivo comum, o direito aos territórios tradicionais historicamente ocupados”.

No texto **“CAMINHOS INSCRITOS NO CABULA: TERREIROS E INTERVENÇÕES URBANAS 1970-1980”** Amanda Cunha da Silveira traz à baila as “mudanças urbanísticas na comunidade do Cabula e seus possíveis impactos nos terreiros e/ou centros religiosos, tomando como recorte espacial e temporal a Av. Silveira Martins, Estrada das Barreiras e Engomadeira no período entre 1970 e 1980”. Estribada em matérias jornalísticas, mapas, projetos urbanos e entrevistas orais com as lideranças dos terreiros Viva Deus Filho, Centro Lua Cheia e Ilê axé Omin Ogum Jatoni, a autora se propõe preencher as lacunas da historiografia social provocadas pela escassez bibliográfica a respeito do tema, partindo da premissa de que o espaço urbano não é neutro na construção de narrativas, nem em seus usos.

Em **REDES COMERCIAIS E DE SOLIDARIEDADE ENTRE CRISTÃOS-NOVOS NO BRASIL SETECENTISTA: A TRAJETÓRIA DO CRISTÃO-NOVO LUÍS MENDES DE SÁ**, Cleílton Chaga Bernardes analisa a trajetória do cristão-novo Luís Mendes de Sá, morador em uma localidade no sertão baiano, Rio de Contas. De acordo com Cleílton, o crescimento da mineração em Minas Gerais fez com que Luís Mendes de Sá passasse a se aventurar como comerciante de mercadorias para essa

localidade, inserindo-se em redes comerciais e de solidariedade de cristãos-novos entre o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia.

Já Ivana Karoline Novaes Machado, com **“AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO CABOCLO BOIADEIRO NA RELIGIOSIDADE DE MARACÁS”** nos brinda com análise cuidada sobre a religiosidade no município de Maracás-BA, contextualizando sua formação histórica, econômica e étnica, com destaque para a influência central da pecuária. O Caboclo Boiaheiro, nos dizeres de Ivana, é apresentado como uma expressão simbólica de extrema relevância para o povo local, sintetizando elementos das culturas africana, indígena e europeia. A presença histórica dos indígenas Maraká e a interação com imigrantes europeus enriqueceram a diversidade étnica e cultural da região, contribuindo para um sincretismo religioso peculiar, enfatiza a autora.

Para finalizar, Edelvito Almeida do Nascimento em **“O ESPAÇO SAGRADO DE MADRINHA ALICE: CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DE UMA COMUNIDADE RELIGIOSA NO SERTÃO DOS MARAKÁ”** faz uma caracterização histórico-geográfica da localidade onde estava inserida a comunidade religiosa dirigida por Alice Ferreira de Almeida, conhecida como Madrinha Alice, sacerdotisa de um culto de matrizes afro-brasileiras e indígenas, numa região rural do município de Maracás-BA. Para o efeito, Edelvito procede, ainda na primeira parte, a um exame geral do “sertão” – historicamente associado à interioridade, isolamento e subdesenvolvimento – seguida de uma abordagem mais específica acerca do “Sertão dos Maraká”, território cuja origem está relacionada aos indígenas locais e sua relação com os colonizadores e africanos escravizados, e onde está situado o município em questão, refere o autor. Com este exercício, o autor busca pôr em evidência a diversidade cultural e étnica locais, que podem ter influenciado na constituição religiosa da comunidade em estudo. Na segunda parte, o autor descreve mais detalhadamente o espaço de culto da comunidade, situando-a na zona rural do município, descrevendo o terreiro e analisando as relações entre a religião afro-brasileira e o ambiente natural. Com tais discussões, elucida o autor, o texto pretende ampliar a compreensão acerca da identidade cultural do Sertão dos Maraká.

Referências

- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. Mon ami Roger Bastide. S. Paulo, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, n. 20, 1978.
- BASTIDE, R. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.
- BECKWITH, Martha W. *Jamaica Anansi Stories*. New York: The American Folk-Lore Society, 1924.
- FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVEA, Maria de Fátima. **O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI – XVIII)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- IROBI, E. **O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora**. Projeto História, n. 44, São Paulo: EDUC. pp. 276- 278, 2012.
- RAMOS, Arthur. **O Negro Brasileiro**. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1940; Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 2002.
- PARÉS, L. N. Shango in Afro-Brazilian religion: aristocracy and 'syncretic' interactions. *Religioni e Società* (Napoli. Testo stampato), Firenze, v. 54, p. 20-39, 2006.
- REIS, J. J. Nas malhas do poder escravista: a invasão do candomblé do Accu na Bahia, 1929. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 108-127, 1986.
- REIS, J. J. Dono da Terra Chegou, Cento e Cincoenta Acabou? Notas sobre Resistência e Controle dos Escravos na Bahia, que Recebeu a Família Real em 1808. *Revista USP*, v. 79, p. 106-117, 2008.
- REIS, J. J. Sobre a morte escrava na Jamaica (resenha). *Afro-Asia* (UFBA. Impresso), v. 38, p. 355-358, 2008.
- SOIHET, R. Gênero e Memória: algumas reflexões. *Gênero*, Niterói, v. 5, n.1, p. 9-19, 2005.
- SWEET, James. **Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400 a 1800**. Rio de Janeiro, Editora Campus / Elsevier, 2004 (ver, especialmente, o cap. 3 – A escravidão e a estrutura social na África, p. 122-152; e o cap. 4 – O processo de escravização e o comércio de escravos, p. 153-185).
- GREEN, Toby. “Architects of Knowledge, Builders of Power: Constructing the Kaabu ‘empire’, 16th-17th centuries,” *Journal of Mande Studies*, 11, pp. 91-112. 2009.
- GREEN, Toby. **The rise of the trans-atlantic slave trade in Western Africa, 1300-1589**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- WALKER, Sheila S. **African Roots/American Cultures: Africa in the Creation of the Americas**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2001